



CÔ AVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 6 - ANO DE 2004

EDIÇÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

CÔA AVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 6 · ANO DE 2004

TRABALHO COORDENADO POR

ANTÓNIO N. SÁ COIXÃO

Foto da capa:

O «Rio Côa, junto à foz, preguiçoso e adormecido, alheio às polémicas que se passavam na parte de cima...»

Composição e impressão:

Côa Gráfica – Artes Gráficas, Lda. — V. N. de Foz Côa
Depósito legal n.º 121116/98
ISBN 972-8763-10-7

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ ~~CÔA~~
2004

O Castro de S. Jurge (Ranhados – Meda)

SANDRA MARIA EUSÉBIO NALDINHO

(estudante do 5.º ano de arqueologia da paisagem – Instituto Politécnico de Tomar)

1. INTRODUÇÃO

O trabalho que aqui se apresenta foi concebido com intuito de apresentar, sobre a forma de um artigo, o estudo de uma pequena colecção de um sítio arqueológico. Foi, por ter participado nas sondagens realizadas em Setembro de 2003, no “Castro de S. Jurge”, (Ranhados - concelho de Meda), que escolhi, com muita satisfação, este lugar para estudar a colecção que tinha sido recolhida. Esta colecção é constituída por material cerâmico, lítico e metálico, sendo a cerâmica o material mais abundante. Porque a colecção seleccionada era muito vasta foi necessário realizar, num primeiro tempo, uma selecção prévia.

Gostaria, para terminar, de deixar aqui bem expresso os meus agradecimentos ao Mestre António do Nascimento Sá Coixão pelo seu apoio e disponibilidade, e à A.C.D.R de Freixo de Numão sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

2. RESUMO

Em Setembro de 2003, realizou-se a sondagem nº5 do “Castro de S. Jurge”, em Ranhados. Esta permitiu confirmar as suspeitas dos arqueólogos locais que sustentavam a provável ocupação do lugar por parte de um povoado pré-histórico, continuada durante a primeira e segunda Idade do Ferro e, mais tarde, de uma Vila ou Vicus Romano. Além da recolha, predominante, de material cerâmico no local, na colecção de Ranhados consta também material lítico e metálico.

3. APRESENTAÇÃO DO SÍTIO E CARACTERIZAÇÃO DA ESTAÇÃO

Deslumbram-se, no lugar de Ranhados a cerca de 755 metros de altitude, os vestígios do “Castro de S. Jurge”. O Castro que tem lugar em Ranhados no concelho da Meda, distrito da Guarda, apresenta-se, neste momento, como sendo o castro mais extenso deste mesmo concelho. Este sítio que possui uma situação topográfica notável localiza-se num cabeço a Nordeste da Barragem de Ranhados e domina o rio Torto.

As coordenadas geográficas ¹ relativas a um ponto central da área da estação em que ocorreram as sondagens são as seguintes:

Lat. N – 41º 00' 45'

Long. W – 7º 19' 49'

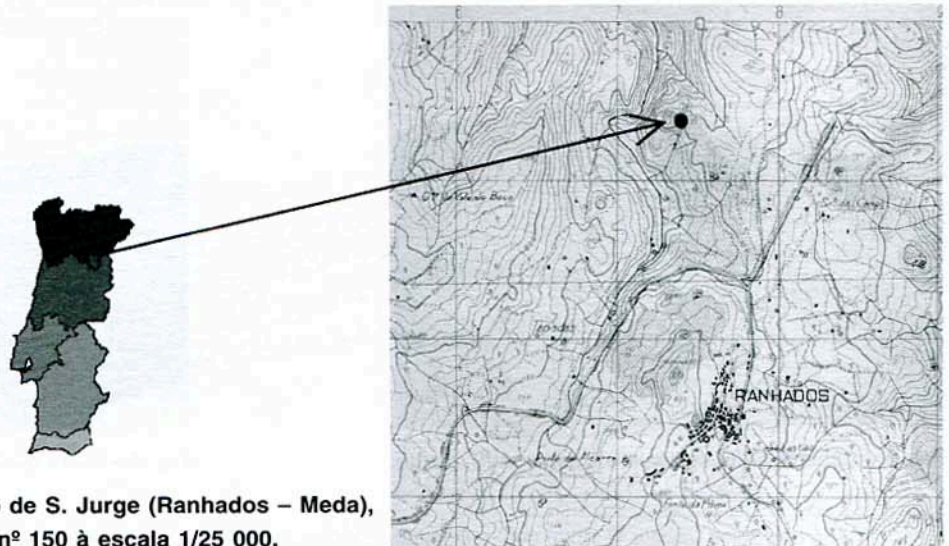


Fig. 1 – Localização do Castro de S. Jurge (Ranhados – Meda), folha da Carta Militar nº 150 à escala 1/25 000.

¹ Segundo a Carta Militar de Portugal na escala 1/25 000 – Folha 150.



Fig. 2 – Castro de S. Jurge (Sondagem 5)

A área ocupada pela estação, segundo a “*Carta Geológica de Portugal*” na escala de 1/1 000 000, encontra-se implantada numa unidade geológica constituída por rochas eruptivas (hercínicas, granióides, ante-vestefalianos, granitos alcaninos) de duas micas indiferenciado (biotite e moscovite).

Do ponto de vista hidrogeológico, segundo a “*Carta Hidrogeológica de Portugal*”, na escala de 1/1 000 000, a área da estação encontra-se integrada numa unidade de xistos e grauvaques, por vezes com quartzitos e raros vulcanitos, do Paleozóico e Pré-câmbrico, em parte fortemente metamorfizados (gneisses, micaxistos, ...) de permeabilidade pouco reduzida.

Pedologicamente (segundo a “*Carta dos Solos de Portugal*”²) a zona arqueológica insere-se na unidade B – Cambissolos, variedade Cambissolos húmicos (rochas eruptivas) – (xistos) e associados a Luvissolos de fraca influência atlântica.

A “*Carta de Capacidade de Uso de Solos*”³ indica-nos a existência de um complexo constituído por solos susceptíveis de utilização agrícola (classe A).

O Castro foi objecto de várias prospecções nomeadamente por parte do Dr. Adriano Vasco Rodrigues que, em 1993, terá concluído que este castro tinha sido o mais romanizado da região. Encontrou vestígios de cerâmicas castrejas mas também romanas, mós de moinhos circulares e pesos de tear de barro. Também, deste sítio, lhe foi apresentada uma moeda romana de bronze, que classificou como sendo da época de Helena Augusta.



Fig. 3 – Cabeço onde se situa o Castro de S. Jurge



Fig. 4 – Vista do Castro para o rio e sua barragem

² Carta dos Solos (escala 1/ 1 000 000) (Secretaria de Estado do Ambiente) (1978) (Unidades pedologicas segundo o esquema da FAO para a Carta dos Solos da Europa).

³ Carta de Capacidade de Uso de Solos (escala de 1/ 1 000 000) (Secretaria de Estado do Ambiente, 1982) (classificação segundo o “Esboço Geral de Ordenamento Agrário” do SROA).

4. ESTRATIGRAFIA

A área total abrangida pela sondagem nº5 foi de 29 m², assimilada num quadrículado de 1X1 m, tendo sido referenciado por dois eixos um com letras de A a G e outro com números de 1 a 5.

Nesta sondagem foi registado um corte referenciado como E-F, onde se registraram cinco camadas: camada 1, camada 2, camada 3, camada 4 e camada 5.

Camada 1 – camada superior, indeterminada, que se encontra bastante remexida e que contém materiais de várias épocas.

Camada 2 – camada de terra cinzenta com um nível de cascalhos e seixos quartzíticos. Esta camada possui materiais que se associam aos primórdios da ocupação romana (cerca de 30 a.C.), bem como alguns materiais dos finais da Idade do Ferro.

Camada 3 – camada de terra acastanhada, à qual se associam alguns materiais que poder-se-ão considerar da segunda Idade do Ferro.

Camada 4 – camada de terra cinzenta, a qual se associa uma grande quantidade de materiais da primeira Idade do Ferro (essencialmente cerâmicas). Foi registada, nesta camada, uma provável lareira estruturada com pedras graníticas e um nível de barro.

Camada 5 – camada de terra amarela que contém um lajeado granítico junto à rocha de base. Está associada a esta camada uma quantidade significativa de cerâmicas pré-históricas que pela decoração poder-se-á balizar do Neolítico final e do Calcolítico inicial. O material lítico mais significativo, desta camada, é composto por lascas de quartzo e algumas pontas de seta igualmente em quartzo.

A estratigrafia registada no corte E-F da sondagem 5 realizada em 2003, permitiu confirmar as conjecturas do Mestre António do Nascimento Sá Coixão que em 1999, na redacção da sua tese sustenta a verosímil ocupação por parte de um povoado pré-histórico, posteriormente da construção de um castro e, mais tarde, de uma Vila ou Vicus Romano.

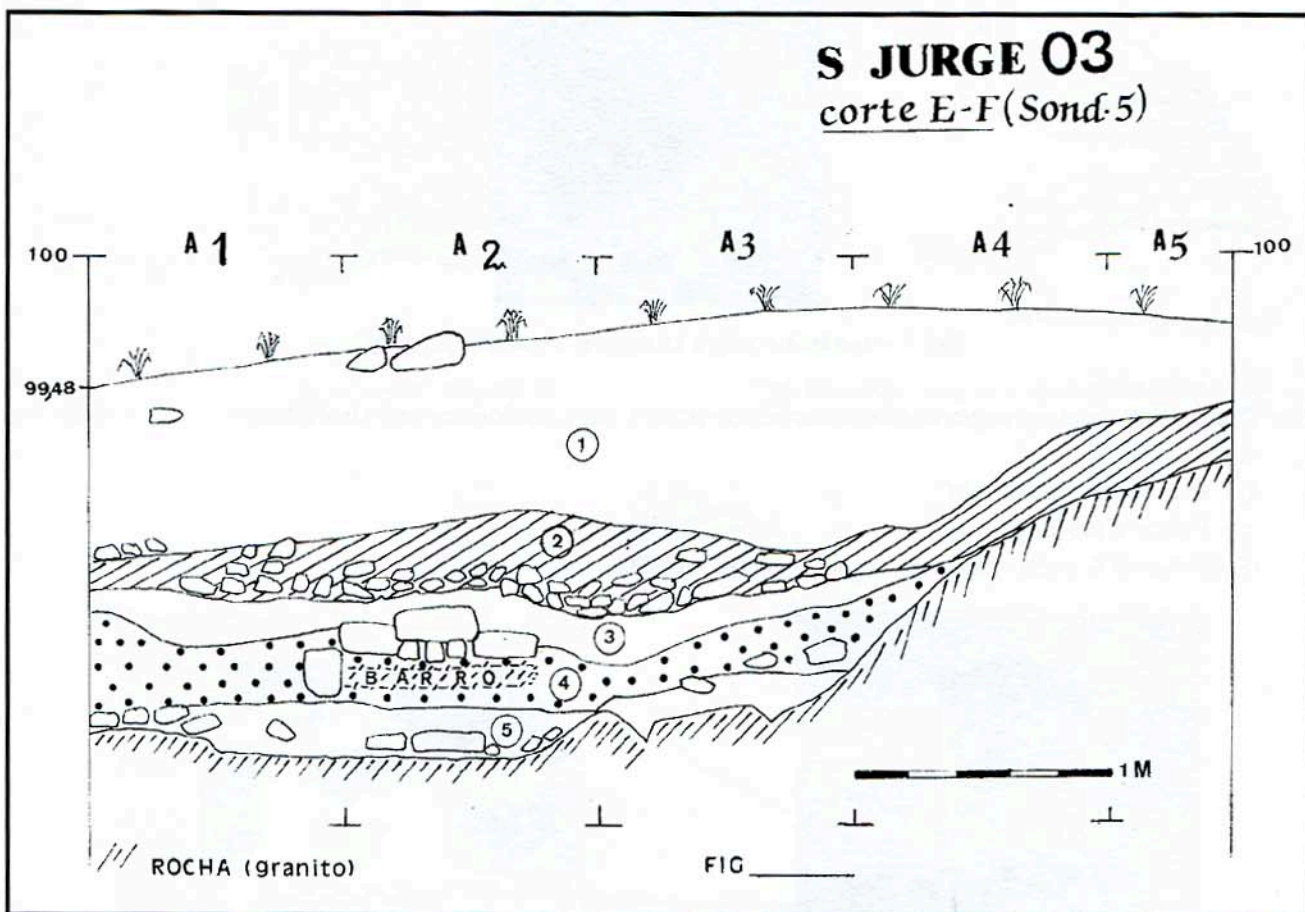


Fig. 5 – Corte E-F da Sondagem 5 de S. Jurge, registado por A. N. Sá Coixão

5. MATERIAIS

5.1). O Material Cerâmico

Relativamente ao material cerâmico, foram recolhidos inúmeros fragmentos (tanto decorados como lisos).

5.1.1). Caracterização técnica

Poder-se-á considerar, genericamente, a predominância das pastas de textura média. Porém, existem alguns poucos exemplares com textura compacta. Prevaecem as pastas com desengordurante de calibre fino (e.n.p. < 0.5mm) e médio (e.n.p. de 0.5 a 1mm), e de composição orgânica (carvões) e inorgânica (quartzo, moscovite, biotite, ...). O tratamento das superfícies seria feito segundo dois tipos: “o alisamento e polimento”.

- *Tipos de cores (da superfície externa)*

Genericamente foi possível observar as seguintes cores:

- a - Cor acastanhada;
- b - Cor avermelhada;
- c - Cor negra.

- *Tipos de Técnicas decorativas*



Fig. 6 – Cerâmica negra chamada “cerâmica brunida”

Distinguiram-se as seguintes técnicas decorativas, nas cerâmicas pré-históricas.

- a - Incisão;
- b - Impressão “penteada”;
- c - Plástica (cordão liso).

É eminente a predominância da técnica da incisão.



Fig. 7 – Fragmento inciso da Camada 5



Fig. 8 – Fragmentos incisos da Camada 5



Fig. 9 – Fragmento com decoração plástica



Fig. 10 – Fragmentos com impressão “penteada”

Ao nível de comparação regional, poder-se-á encontrar o tipo de cerâmica penteada em Castanheiro do Vento (Horta), Castelo Velho (Souto), Cural da Pedra (Chãs), Painova (Freixo de Numão) entre outras, ... Relativamente às cerâmicas decoradas com incisões, estão presentes, nomeadamente, em Castanheiro do Vento, no Prazo (Freixo de Numão) e Montes (Fontelonga).

É de notar a inexistência de fragmentos cerâmicos decorados através da técnica da punção.

Também é de realçar, na cerâmica “penteada”, a preponderância de linhas curvilíneas sobre as retilíneas, e geralmente, alternadas com faixas sem decoração.

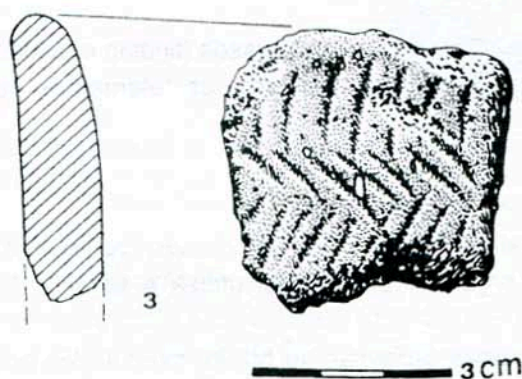


Fig. 11 – Cerâmica decorada recolhida durante as prospecções no sítio do Castanheiro do Vento

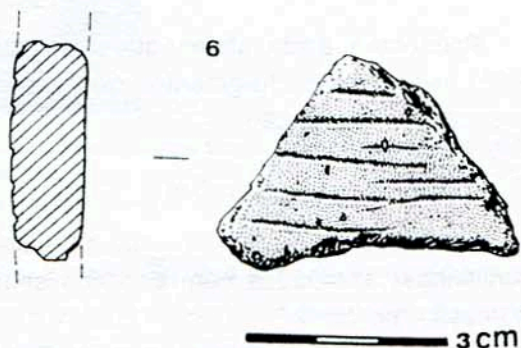


Fig. 12 – Cerâmica decorada recolhida durante as prospecções no sítio de Castanheiro do Vento

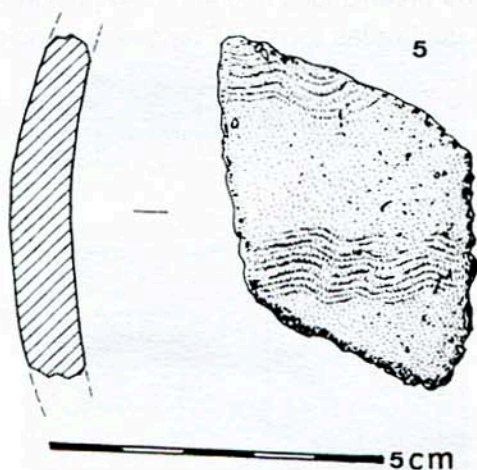


Fig. 13 – Fragmento de cerâmica decorada recolhido no sítio do Cural da Pedra

5.1.2). Caracterização morfológica

Devido ao facto de muitos dos fragmentos se apresentarem com reduzidas dimensões, não se conseguiu (por amostragem) estabelecer uma tipologia que permitisse organizar as citadas decorações em “tipos e subtipos”, determinando, desta forma, as variantes. Porém, os escassos fragmentos que permitem uma caracterização apontam para cerâmicas esféricas de boca fechada, com colo acentuado e bordo extrovertido.



Fig. 14 – Cerâmica proto-histórica

Poder-se-á, ainda, afirmar que a maioria dos fragmentos aponta para pequenos vasos (tigelas e taças), sendo invulgares os fragmentos que sugerem grandes vasos. São igualmente raros os “elementos de prensão ou suspensão”.

· Organização decorativa

a - Sequência horizontal onde se desenvolvem faixas constituídas por linhas impressas “penteadas” (curvilinhas) alternadas com espaços sem decoração. Esta organização apenas utiliza a técnica da impressão “penteada”.

b - Sequência horizontal; esta exprime-se pela feitura de linhas paralelas ao bordo, executadas por incisão.

c - Sequência horizontal; esta desenvolve linhas incisadas onde imediatamente sob estas linhas aparece uma sequência de triângulos incisados preenchidos interiormente por outras linhas incisadas.

d - Sequência vertical; linhas quebradas incisadas. Predomina a incisão

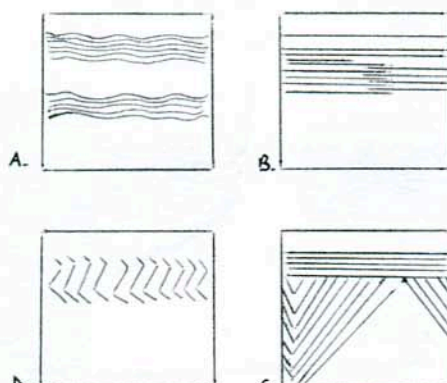


Fig. 15

5.2). O Material Lítico

O material lítico é constituído por: *pontas de setas* (em quartzo) de tipologias diferenciadas. Foram exumadas pontas de setas com bases rectas, côncavas e convexas, e tanto curtas, medianas como alongadas; lascas e núcleos quartzíticos.

Também foi exumado um *moinho manual dormente* em granito.

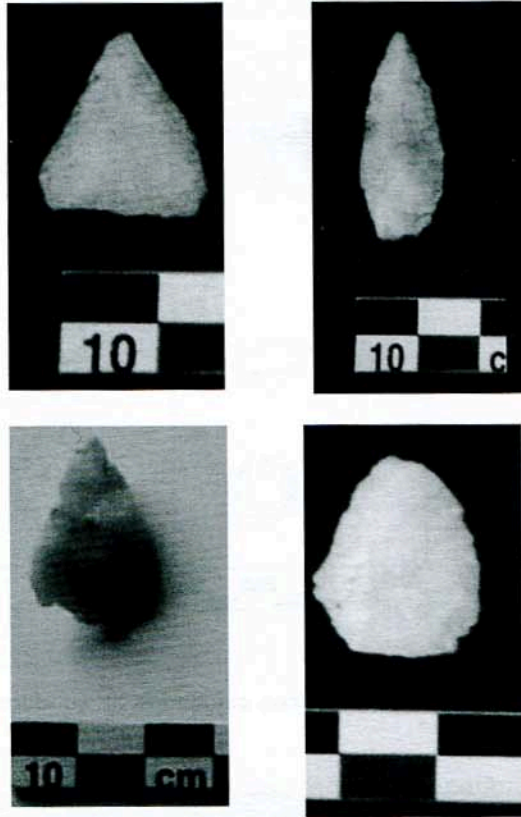


Fig. 16 – Pontas de Setas, respectivamente (de cima para baixo e de esquerda para a direita): ponta curta triangular com base recta, ponta alongada com base convexa, ponta mediana com base pedunculada e ponta mediana com base ligeiramente convexa. Isto, segundo a classificação tipológica de H. J. Hugot e Y. Assié.

Relativamente aos retoques bifaciais das pontas, poder-se-á observar que a ponta curta triangular com base recta e a ponta mediana com base ligeiramente convexa possuem extensões marginais, enquanto que, a ponta alongada com base convexa caracteriza-se por uma extensão total e a ponta mediana com base pedunculada por uma invasor. Quanto à morfologia dos retoques poder-se-á verificar retoques paralelos, no caso da ponta triangular, retoques escamosos, para a ponta mediana com base pedunculada e retoques sub-paralelos para as restantes.



Fig. 17 – Diversas lascas em quartzito

5.3). O Material Metálico

Do material metálico foi exumado: duas *moedas romanas* (um *denário de prata* e uma *moeda de bronze*, datadas de cerca de 31 a.C.), um *prego*, um *anel*, um *brinco*, uma *fíbula anular* e outros materiais em cobre e bronze.

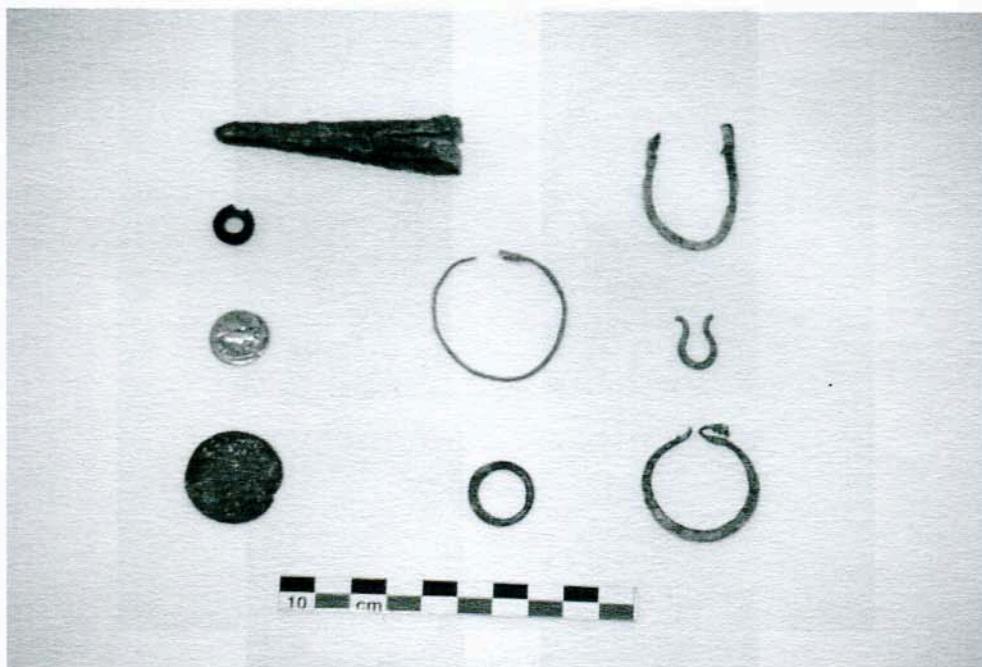


Fig. 18 – Objectos metálicos exumados na sondagem 5



Fig. 19 – Pormenor da moeda de prata (denário) de Marco António (ano 31 a.C.)

Material Metálico exumado no Castro

É de notar que uma moeda idêntica à encontrada no Castro de S. Jurge, moeda de prata (denário) de Marco António, foi encontrada no Castro de Marialva, do mesmo concelho.

6. RESULTADOS

Ficha de Materiais

Matéria-prima	Tipo de Material	Decoração e Formas	Quantidades parciais	Quantidades Totais (*)
Material Cerâmico	Vasos (Fragmentos)	N/ Decorados	4	
		Decorados	11	
Material Lítico	Pontas de Setas	Tipologias diferenciadas	4	
	Lascas		22	
	Núcleos		-	
	Mó manual		1	
Material Metálico	Moedas		2	
	Prego		1	
	Anel		1	
	Fíbula anular		1	

(*) Estes números, aos quais não tive acesso, corresponderiam ao total do material recolhido durante a sondagem.

7. CONCLUSÃO

Um dos traços mais significativos na análise dos recipientes cerâmicos do “Castro de S. Jurge” é a alta percentagem de fragmentos lisos. Relativamente às organizações decorativas, direi que a maioria das cerâmicas pré-históricas são obtidas por incisão, acrescentando-se-lhes, raras vezes, as chamadas decorações plásticas (cordões); nas cerâmicas ditas Calcolíticas permanecem as cerâmicas incisadas, porém também se depara com cerâmicas ditas “penteadas”, sejam elas, rectilíneas ou curvilíneas, verticais ou horizontais; nas cerâmicas que poderão ser atribuídas à Idade do Ferro encontra-se a decoração brunida. Estas cerâmicas, de fabrico manual e cuidada, possuem paredes pouco espessas e suas pastas são depuradas e homogéneas. A taça em calote ou ovóide é frequente no Calcolítico com o bordo em aba, enquanto que, no Neolítico final, muitas vezes, o lábio apresenta-se denteado.

7. BIBLIOGRAFIA

- COIXÃO, António do Nascimento Sá, (1999), *A Ocupação Humana na Pré-História Recente na região de entre Côa e Távora*, Edição da A.C.D.R. de Freixo de Numão;
- CAMPS, Gabriel, (?), *Manuel de Recherche Préhistorique*, Doin Éditeur, Paris.
- JORGE, Susana Oliveira (1986), *Povoados da Pré-história Recente na Região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar*, Vol. IA, Porto;
- RODRIGUES, Adriano Vasco, (1993), *Terras da Meda – Natureza e Cultura*, Edição da Câmara da Meda;
- RODRIGUES, Adriano Vasco, (2002), *Terras da Meda – Natureza, Cultura e Património*, Edição da Câmara da Meda, 2ª Edição;
- SANCHES, Maria de Jesus (1997), *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*, Volume I, edição da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto.